



MARION  
ZIMMER  
BRADLEY

# A CASA DA FLORESTA

O SEGUNDO LIVRO DO CICLO DE AVALON

 Planeta

minotauro

A CASA DA  
FLORESTA

MARION ZIMMER BRADLEY

# A CASA DA FLORESTA

*Tradução*  
Marina Della Valle

 Planeta

minotauro

Copyright © Marion Zimmer Bradley, 1993  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2018  
Todos os direitos reservados.  
Título original: *The Forest House*

*Preparação:* Luiza Del Monaco  
*Revisão:* Renata Lopes Del Nero e Carla Fortino  
*Diagramação:* Márcia Matos  
*Capa:* departamento de criação Editora Planeta do Brasil  
*Ilustração de capa:* Marc Simonetti  
*Adaptação para eBook:* Hondana

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Bradley, Marion Zimmer

A casa da floresta / Marion Zimmer Bradley; tradução Marina Della Valle. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

416 p.

ISBN: 978-85-422-1457-4

Tradução de: The forest house

1. Ficção norte-americana 2. Magia - Ficção 3. Feiticeiras - Ficção 4. Druidas e druidismo - Ficção I. Título II. Della Valle, Marina III. Série

18-1696

CDD 320.981

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana

2018

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Padre João Manuel, 100 – 21<sup>º</sup> andar

Ed. Horsa II – Cerqueira César

01411-000 – São Paulo-SP

[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)

[atendimento@editoraplaneta.com.br](mailto:atendimento@editoraplaneta.com.br)

*Para minha mãe, Evelyn Conklin Zimmer, que apoiou meu trabalho neste livro durante a maior parte da minha vida adulta.*

*Para Diana Paxton, minha irmã e amiga, que ancorou com firmeza este livro no tempo e no espaço e adicionou Tacitus ao elenco de personagens.*

# Nota da Autora

Quem tem familiaridade com a ópera *Norma* , de Bellini, vai reconhecer as origens desta história. Em homenagem a Bellini, os hinos nos capítulos cinco e vinte e dois são adaptados do livreto do ato I, cena i, e os do capítulo trinta, do ato II, cena ii. Os hinos à lua nos capítulos dezessete e vinte e quatro são tirados de *Carmina Gadelica* , uma coleção de preces tradicionais da região das Terras Altas escocesas reunidas no final do século XIX pelo reverendo Alexander Carmichael.

# PESSOAS NA HISTÓRIA

\* = *figura histórica*

( ) = *morto antes do início da história*

## Romanos

Gaius Macellius Severus Siluricus (chamado de Gaius, nome nativo Gawen), jovem oficial, nascido de uma mãe britânica

Gaius Macellius Severus sênior (chamado de Macellius), pai de Gaius, *praefectus castrorum* da Segunda Legião Adiutrix em Deva, ordem equestre

(Moruadh, mulher da realeza dos siluros, mãe de Gaius)

Manlius, médico em Deva

Capellus, oficial de dia de Macellius

Philo, escravo grego de Gaius

Valerius, secretário de Macellius

Valeria (mais tarde chamada de Senara), metade britânica, sobrinha de Valerius

Martius Julius Licinius, procurator (oficial de finanças) da Britânia

Julia Licinia, sua filha

Charis, sua serva grega

Lydia, babá de suas filhas

Licinius Corax, primo do procurator em Roma  
Marcellus Clodius Malleus, senador, patrono de Gaius  
Lucius Domitius Brutus, comandante da Vigésima Legião  
Valeria Victrix após a mudança para Deva

Padre Petros, eremita cristão

Flavius Macro e Longus, dois legionários que tentam invadir a  
Casa da Floresta

\* (Caio Júlio César, “o Júlio Deificado”, que começou a  
conquista da Britânia)

\* (Suetonius Paulinus, governador da Bretanha durante a  
rebelião de Boudicca)

\* (Vespasiano, imperador, 69-79 d.C.)

\* (Quintus Petilius Cerealis, governador da Bretanha, 71-74  
d.C.)

\* (Sextus Julius Frontinus, governador da Bretanha, 74-77d.C.)

\* Gnaeus Julius Agricola, governador da Bretanha, 78-84 d.C.

\* Gaius Cornelius Tacitus, seu genro e assistente, um  
historiador

Sallustius Lucullus, governador da Bretanha após Agricola

\* Tito Flávio Vespasiano, imperador Tito, 79-81 d.C.

\* Tito Flávio Domiciano, imperador Domiciano, 81-96 d.C.

\* Herennius Senecio, um senador

\* Flavius Clemens, primo de Domiciano

## **Bretões**

Bendeigid, um druida que vive perto de Vernemeton

Rheis, filha de Ardanos e mulher de Bendeigid

Mairi, a filha mais velha deles, mulher de Rhodri  
Vran, seu jovem filho  
Eilan, a filha do meio  
Senara, a filha mais jovem  
Gawen, filho de Eilan com Gaius  
Cynric, filho adotivo de Bendeigid  
Ardanos, arquidruída da Britânia  
Dieda, sua jovem filha  
Clotinus Albus (Caradac), um bretão romanizado  
Gwenna, sua filha  
Red Rian, um saqueador irlandês  
Hadron, um dos Corvos, pai de Valeria (depois chamada de Senara)

\* (Boudicca, “A Rainha Assassina”, rainha dos icenos, líder da revolta em 61 d.C.)

\* (Caractacus, um líder da rebelião)

\* (Cartimandua, rainha dos brigantes, que traiu Caractacus para Roma)

\* Calgacus, chefe caledônio, que liderou as tribos em Mons Graupius

### **Pessoas da Casa da Floresta**

Lhiannon, sacerdotisa do Oráculo, grã-sacerdotisa de Vernemeton (a Casa da Floresta)

Huw, seu guarda-costas

(Helve, grã-sacerdotisa antes de Lhiannon)

Caillean, sacerdotisa veterana que auxilia Lhiannon

Latis, a mestre de ervas  
Celimon, instrutora em ritual  
Eilidh e Miellyn, amigas de Eilan  
Ranais e Rhian, entraram em Vernemeton depois que Eilan se tornou grã-sacerdotisa  
Annis, uma velha surda que serviu Eilan durante a gravidez  
Lia, babá do filho de Eilan, Gawen

## **Deuses**

Tanarus, deus britânico do trovão, equiparado a Júpiter  
O Deus Cornífero, deus arquetípico dos animais e das florestas, com muitas variações locais  
Don, mãe mítica dos deuses, e, por extensão, do povo britânico  
Cathubodva, Senhora dos Corvos, deusa de guerra similar a Morrigan  
Arianhod, Senhora da Roda de Prata, deusa donzela associada à mágica, ao mar e à lua  
Ceres, deusa romana dos grãos, da agricultura  
Vênus, deusa romana do amor  
Marte, deus romano da guerra  
Bona Dea, a Boa Deusa  
Vesta, deusa do fogo sagrado de Roma, servida por virgens  
Mitra, deus-herói persa adorado por soldados  
Júpiter, rei dos deuses  
Juno, rainha dos deuses, sua mulher e patrona do casamento  
Ísis, deusa egípcia adorada em Roma como protetora do comércio marítimo

## Lugares

Britânia Superior – sul da Inglaterra

Mona – a ilha de Anglesey

Segontium – forte perto de Carnarvon

Vernemeton (bosque mais sagrado) – A Casa da Floresta

Colina das Donzelas – Maiden Castle, Bickerton

Deva – Chester

Glevum – Gloucester

Viroconium Cornoviiarum – Wroxeter

Venta Silurum – Caerwent

Isca Silurum – Caerleon

Aquae Sulis – Bath

O Tor – Glastonbury

País do Verão – Somerset

Isca Dumnoniorum – Exeter

Londinium – Londres

Britânia Inferior – norte da Inglaterra

Eburacum – York

Luguvalium – Carlisle

Caledônia – Escócia

Estuário de Bodotria – Firth of Forth

Estuário do Tava – rio Tay

Estuário Sabina – Solway

Trimontium – Newstead

Pinnata Castra – Inchtuthil

Mons Grapius – localização incerta, talvez perto de Inverness

Hibérnia – Irlanda

Temair – Tara

Druim Cliadh – Kildare

Germânia Inferior – parte superior do oeste da Alemanha

Colonia Agrippensis – Colônia

Rhenus – Reno

# As Ilhas Britânicas

Século I d.C



Peter McClure 1993

# PRÓLOGO

Um vento frio açoitava as tochas, fazendo com que elas se tornassem caudas ferozes. Uma luz raivosa refletia brilhante nas águas escuras do estreito e nos escudos dos legionários que aguardavam do outro lado. A sacerdotisa tossiu com o odor da fumaça e com a neblina marítima e ouviu o som do latim militar ecoando através das águas enquanto o comandante romano arengava seus homens. Os druidas cantaram em resposta, convocando a ira dos céus, e trovões sacudiram o ar.

As vozes das mulheres emergiram em um ulular agudo que fez um calafrio percorrer seu corpo, talvez por conta do medo. Ela balançou com as outras sacerdotisas, com braços erguidos em imprecações e seus mantos escuros se abrindo como asas de corvos.

Mas os romanos também uivavam, e agora a primeira fileira de homens havia disparado para dentro da água. A harpa de guerra druida pulsava dando vida a uma música medonha, e a garganta dela estava em carne viva com os gritos, mas ainda assim o inimigo veio.

O primeiro soldado de manto vermelho colocou os pés na costa da Ilha Sagrada e não foi golpeado pelos deuses. Agora o canto fraquejava. Um sacerdote empurrou as sacerdotisas para trás de si

quando o aço romano acertou a tocha; a espada baixou e o sangue borrifou seu manto escuro.

O ritmo do canto se perdeu, e agora havia apenas gritos. Ela, então, correu para as árvores. Atrás dela, romanos ceifavam os druidas como grãos. Rápido demais, acabaram, e a maré vermelha avançou para o interior.

As sacerdotisas tropeçavam por entre as árvores, procurando os círculos sagrados. Um brilho alaranjado tomava o céu acima da Casa das Mulheres. As pedras se assomavam à frente, mas de trás dela vinham gritos. Ela se virou acuada, agarrando-se ao altar central de pedra. Agora certamente a matariam... Ela invocou a Deusa e se endireitou, esperando pelo golpe.

Mas não eram armas de aço que tinham a intenção de usar para golpeá-la. Ela lutou enquanto mãos duras agarravam seu corpo, rasgando suas vestes. Não havia escapatória; podia apenas usar a disciplina sagrada para tirar a mente do corpo até que eles terminassem. Enquanto a consciência voava para longe, ela gritou: “Senhora dos Corvos, vingue-me! Vingue!”.

“Vingue”... Eu acordei com meu próprio grito e me sentei, olhando em torno. Como sempre, levei alguns momentos até perceber que era apenas um sonho, e nem mesmo um sonho meu, pois ainda era criança no ano em que as legiões assassinaram os sacerdotes e estupraram as mulheres da Ilha Sagrada. Uma garota indesejada chamada Caillean, segura em Hibérnia, do outro lado do mar. Mas, desde que ouvi a história pela primeira vez, logo depois que a sacerdotisa do Oráculo me trouxe para esta terra, sou assombrada pelos espíritos daquelas mulheres.

A cortina de minha porta se agitou e uma das moças que me serviam espiou para dentro.

— Está tudo bem, minha senhora? Posso ajudá-la a vestir o manto? Já está quase na hora de saudar a aurora.

Assenti, sentindo o suor frio secar em minha testa, e permiti que ela me ajudasse a colocar um vestido limpo e também os ornamentos de uma grã-sacerdotisa no pescoço e na cabeça. Depois disso, ela me acompanhou até o topo de outra ilha, um Tor verde que se erguia da mistura de pântano e gramados que os homens chamavam de País do Verão. De baixo vinha o canto das donzelas que velavam o poço sagrado; e do vale do lado oposto os sinos chamavam os eremitas para a prece na pequena igreja de pedra que ficava ao lado do espinheiro-branco.

Eles não foram os primeiros a buscar santuário nesta ilha atrás dos mares estreitos, nem, imagino, serão os últimos. Muitos anos se passaram desde a morte da Ilha Sagrada, e, embora vozes ancestrais ainda clamem por vingança em meus sonhos, uma sabedoria adquirida com dificuldade me diz que a mistura de sangues reforça uma raça, desde que não se perca o conhecimento ancestral.

Mas até hoje nunca vi nada de bom nos romanos e em seus costumes. É por isso que nem mesmo por Eilan, que amei mais que uma filha, jamais consegui confiar em nenhum romano, nem mesmo em Gaius, a quem ela tanto amava.

Mas aqui não há som de sandálias com sola de ferro dos legionários sobre as estradas de pedra para nos perturbar, pois

lancei um véu de brumas e mistério para manter longe o impecável mundo romano.

Hoje talvez contarei às moças a história de como chegamos até aqui, pois, entre a destruição da Casa das Mulheres na Ilha de Mona e a volta das sacerdotisas à Ilha das Maçãs, as mulheres dos druidas viveram em Vernemeton, na Casa da Floresta, e essa história não deve ser esquecida.

Eu estava lá quando aprendi os Mistérios da Deusa e, então, ensinei-os a Eilan, filha de Rheis, que se tornou grã-sacerdotisa e – segundo alguns – a maior traidora de seu povo. No entanto, foi através de Eilan que o sangue do Dragão e da Águia se misturaram ao sangue dos Sábios, e, na hora de maior necessidade, aquela linhagem sempre virá auxiliar a Bretanha.

No mercado, os homens estão dizendo que Eilan foi vítima dos romanos, mas eu sei a verdade. Em seu tempo, a Casa da Floresta preservava os Mistérios, e os deuses não exigiam que fôssemos todos conquistadores, nem mesmo que fôssemos todos sábios, mas apenas que servíssemos a verdade que nos era dada, até que pudéssemos passá-la adiante.

Minhas sacerdotisas estão se reunindo em torno de mim, cantando. Levanto as mãos, e, enquanto o sol atravessa as brumas, abençoo a terra.

**R**aios de luz dourada Brilhavam através das árvores enquanto o sol se punha atrás das nuvens, delineando cada folha recém-banhada em ouro. Os cabelos das duas garotas que desciam pelo caminho da floresta brilhavam com o mesmo fogo pálido. Mais cedo, havia chovido. A floresta densa, sem clareiras, que ainda cobria boa parte do sul da Bretanha, estava quieta e molhada, e de uns poucos galhos mais baixos ainda caíam gotas esparsas, como uma bênção ao longo do caminho.

Eilan respirou fundo o ar úmido, pesado por conta de todos os odores vivos da floresta e doce como incenso após o ambiente enfumaçado do salão de seu pai. Na Casa da Floresta, disseram-lhe, usavam ervas sagradas para purificar o ar. Ela endireitou a postura instintivamente, tentando caminhar como uma das sacerdotisas que moravam lá, levantando o cesto de oferendas em sua melhor imitação da graça equilibrada daquelas mulheres. Por um momento, então, seu corpo se moveu com um ritmo ao mesmo tempo pouco familiar e totalmente natural, como se, em algum passado ancestral, ela tivesse sido treinada a manter tal postura.

Só havia recebido permissão para trazer as oferendas à fonte após o início de seu ciclo lunar de sangue. Sua mãe lhe disse que,

assim como o ciclo mensal a transformava em mulher, as águas da fonte sagrada indicavam a fertilidade da terra. Mas os rituais da Casa da Floresta serviam a seu espírito, trazendo a própria Deusa no ponto mais cheio da lua. A lua estava cheia na noite anterior e, antes que a mãe a chamasse para dentro, Eilan havia passado um bom tempo contemplando-a, plena de uma expectativa que não conseguia definir muito bem.

Talvez a sacerdotisa do Oráculo me solicite para a Deusa no festival de Beltane. Fechando os olhos, Eilan tentou imaginar as vestes azuis das sacerdotisas arrastando-se atrás dela e o véu obscurecendo seus traços com mistério.

— Eilan, o que está fazendo? — a voz de Dieda a trouxe de volta à consciência, e o susto fez com que ela tropeçasse em uma raiz e quase derrubasse o cesto. — Está ficando para trás feito vaca manca! Vai escurecer antes de voltarmos ao salão se não terminarmos logo com isso.

Recuperando-se, Eilan correu atrás da outra garota, sem conseguir conter o rubor em seu rosto. Mas dali onde estavam, ela já conseguia ouvir o murmúrio gentil da fonte. Em um instante o caminho se enveredou por uma descida e ela continuou seguindo Dieda até a fenda que se abria entre duas rochas para que as águas corressem e caíssem no lago. Em algum momento do passado homens haviam colocado rochas em torno dele, mas, ao longo dos anos, a água foi desgastando gentilmente seus entalhes espiralados. Porém, a avelreira na qual as pessoas amarravam fitas de desejos era nova, descendente de muitas árvores que cresceram ali.

Colocaram-se diante do lago e estenderam uma toalha para as oferendas, bolos ricamente preparados, um odre de hidromel e algumas moedas de prata. Era apenas um laguinho, por fim, onde vivia a deusa menor daquela floresta, não um dos lagos sagrados nos quais exércitos inteiros sacrificavam os tesouros que haviam conquistado. No entanto, por muitos anos as mulheres de sua linhagem traziam oferendas todos os meses depois de seus ciclos, para que seus laços com a Deusa fossem renovados.

Tremendo um pouco com o ar frio, tiraram os vestidos e se curvaram diante do lago.

— Fonte sagrada, és o útero da Deusa. Assim como suas águas são o berço de toda a vida, espero que eu possa trazer vida nova ao mundo... — Eilan pegou um pouco da água e a derramou sobre a barriga e entre as coxas.

— Fonte sagrada, tuas águas são o leite da Deusa. Assim como alimentas o mundo, permita-me nutrir aqueles que amo... — Seus mamilos se arrepiaram quando a água fria os tocou.

— Fonte sagrada, és o espírito da Deusa. Assim como tuas águas brotam para sempre das profundezas, dá-me o poder de renovar o mundo... — Ela estremeceu quando a água banhou sua testa.

Eilan fitou a superfície sombreada do lago, observando o brilho pálido de seu reflexo tomar forma enquanto as águas se acalmavam novamente. Mas, ao mirar a água, notou que o rosto que olhava de volta havia mudado. Ela viu uma mulher mais velha, com a pele ainda mais pálida, e cachos pardos com reflexos vermelhos que

brilhavam como faíscas de fogo. Os olhos, entretanto, eram os mesmos.

— Eilan!

Enquanto Dieda falava, Eilan piscava, e o rosto olhando de volta para ela da água voltou a ser o seu. Sua parente tremia, e de súbito Eilan também sentiu frio. Rapidamente, colocaram de volta suas roupas. Dieda, então, pegou o cesto de bolos e postou sua voz rica e verdadeira na canção:

*Senhora da fonte sagrada,  
A ti essas oferendas trago;  
Pela vida e pela sorte eu rezo,  
Deusa, aceita hoje estes presentes.*

Na Casa da Floresta, pensou Eilan, haveria um coro de sacerdotisas para entoar a canção. Sua própria voz, fina e um pouco vacilante, se misturava à de Dieda em uma harmonia estranhamente agradável.

*Abençoa o campo e as matas,  
Para que nos tragam a fartura;  
Família e crias estejam salvas,  
Guarda o corpo e a alma!*

Eilan despejou o hidromel de dentro do odre na água, enquanto Dieda esfarelava os bolos e também os jogava no lago. A corrente os levou, e, por um momento, Eilan teve a impressão de que o som

a seu redor havia ficado mais alto. As duas garotas se curvaram sobre a água, deixando cair as moedas de prata que haviam trazido.

Enquanto as águas se acalmavam, Eilan viu o rosto das duas, tão parecidos, espelhados um ao lado do outro. Ela enrijeceu, temendo ver novamente aquela estranha, mas dessa vez havia apenas um rosto, com olhos que brilhavam na água como estrelas no mar escuro do céu.

*Senhora, és o espírito do lago? O que queres de mim?* , perguntou seu coração. E teve a impressão de ouvir as seguintes palavras em resposta:

“Minha vida flui através de todas as águas, como flui em suas veias. Sou o Rio do Tempo e o Mar do Espaço. Você foi minha ao longo de muitas vidas. Adsartha, minha filha, quando vai cumprir seus votos comigo?”

E, então, teve a impressão de que dos olhos da Senhora vinha uma luz que iluminava sua alma, ou talvez fosse a luz do sol, pois quando voltou a si piscava diante dos raios que atravessavam por entre as árvores.

— Eilan! — Dieda disse no tom de alguém repetindo o chamado pela segunda vez. — O que há de errado com você hoje?

— Dieda! — exclamou Eilan. — Você não A viu? Não viu a Senhora no lago?

Dieda balançou a cabeça.

— Você parece uma daquelas cadelas sagradas de Vernemeton, falando de visões!

— Como pode dizer isso? Você é a filha do arquidruída. Na Casa da Floresta, poderia ser treinada como um bardo!

Dieda franziu a testa.

— Bardo mulher? Ardanos jamais permitiria isso. E nem eu gostaria de passar minha vida presa com um bando de mulheres. Prefiro me juntar aos Corvos com seu irmão adotivo Cynric e lutar contra Roma!

— Shhh! — Eilan olhou em volta como se as árvores tivessem ouvidos. — Não sabe que não deve falar disso? Nem mesmo aqui no meio da floresta. Além do mais, não é lutar ao lado que deseja, mas sim deitar-se com Cynric. Eu bem vi como olha para ele!

Ela sorriu.

Agora Dieda corava.

— Você não sabe de nada! — exclamou. — Mas sua vez há de chegar, e quando você ficar feito uma tonta por causa de algum homem, vai ser minha vez de rir.

Ela começou a dobrar a toalha.

— Nunca vai acontecer — disse Eilan. — Quero servir à Deusa!

E, por um momento, sua vista ficou escura, e o murmúrio da água pareceu ficar ainda mais alto, como se a Senhora tivesse escutado o que acabara de dizer. Dieda, então, enfiou o cesto em suas mãos.

— Vamos voltar para casa.

Ela começou a andar pelo caminho, mas Eilan hesitou, pois teve a impressão de ouvir algo que não era o som da fonte.

— Espere! Está ouvindo? Vem da velha armadilha para javalis...

Dieda parou, virando a cabeça, e então ouviram de novo, dessa vez mais fraco, como um animal machucado.

— É melhor ir lá ver — ela disse, por fim —, embora isso vá nos atrasar. Mas, se algo estiver caído ali, os homens precisarão vir e acabar com seu sofrimento.

O rapaz jazia atônito e sangrando no fundo do fosso para javalis, enquanto suas esperanças de ser resgatado esmaeciam com a luz.

A fossa em que se encontrava estava úmida e imunda, com cheiro do esterco dos animais que antes estiveram ali presos. Havia estacas afiadas no fundo e nos lados da fossa e uma delas tinha rasgado seu ombro. Não era uma ferida perigosa, avaliava, nem particularmente dolorosa, pois o braço ainda estava dormente por conta da força de sua queda. Ainda assim, leve como era, acabaria por matá-lo.

Não que tivesse medo da morte; Gaius Macellius Severus Siluricus tinha dezenove anos e tinha feito seu juramento ao imperador Tito como oficial romano. Lutara sua primeira batalha antes que o buço no rosto engrossasse. Mas morrer pelo fato de ter caído em uma armadilha feito uma lebre estúpida o deixava irritado. Era sua culpa, pensou Gaius, com amargura. Se tivesse dado ouvidos a Clotinus Albus, agora estaria diante de um fogo quente, bebendo a cerveja do sul e flertando com a filha do anfitrião, Gwenna, que havia deixado de lado o costume casto dos bretões do interior e adotado as maneiras mais ousadas das moças das cidades romanas, como Londinium, com a mesma facilidade que seu pai adotara a língua latina e a toga.

E, no entanto, fora por causa de seu conhecimento dos dialetos britânicos que acabou por ser enviado para essa jornada, lembrou-

se Gaius, e sua boca se retorceu soturnamente. O velho Severus, seu pai, era prefeito do acampamento da Segunda Legião Adiutrix, em Deva, e se casara com a filha morena de um chefe dos siluros nos primeiros dias da conquista, quando Roma ainda esperava angariar as tribos por alianças. Gaius aprendera a falar esses dialetos antes mesmo que pudesse balbuciar uma palavra de latim.

Houve um tempo, é claro, em que um oficial da Legião Imperial, posicionado no forte de Deva, não teria se dado ao trabalho de colocar suas demandas na língua de um país conquistado. Mesmo hoje, Flavius Rufus, orador da segunda corte, não se importava com tais gentilezas. Mas Macellius Severus sênior, *praefectus castrorum*, se reportava apenas a Agricola, governador da Província da Bretanha, e era sua responsabilidade manter a paz e a harmonia entre os povos da província e a legião que a ocupava, guardava e governava.

Ainda lambendo as feridas, uma geração após a rainha assassina Boudicca tentar sua rebelião infrutífera – e ser punida ferozmente pelas legiões –, o povo da Britânia era pacífico o suficiente em relação aos impostos e tributos pesados. O recrutamento de trabalho humano era recebido com menos mansidão, e ali, nas franjas do império, o ressentimento ainda fumegava, fomentado por alguns chefes mesquinhos e descontentes. E, para esse caldeirão de problemas, Flavius Rufus tinha enviado um grupo de legionários para supervisionar os homens recrutados para trabalhar nas minas imperiais de chumbo na colina.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A casa da floresta"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).